

O POVOADO DE CASTELO VELHO (FREIXO DE NUMÃO, VILA NOVA DE FOZ CÔA) NO CONTEXTO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL*

por

Susana Oliveira Jorge **

Resumo: O povoado de Castelo Velho foi ocupado durante o Calcolítico e a Idade do Bronze. Durante o período calcolítico foi construído um sistema defensivo constituído por duas linhas de muralhas. Ao longo da sua existência, o Castelo Velho revela um processo de intensificação económica e interacção com outros grupos e regiões peninsulares. Nesta comunicação pretende-se integrar os processos enunciados num quadro de problemas mais vasto que abrange as mutações sociais dos finais do III^o milénio a. C. aos meados do II^o milénio a. C. no Norte de Portugal.

Palavras-chave: Calcolítico. Intensificação. Interacção.

I. OS DADOS ARQUEOLÓGICOS

1. Localização da estação (Ests. I e II)

Lugar - Castelo Velho
Freguesia - Freixo de Numão
Concelho - V^a N^o Foz Côa
Distrito - Guarda

Coordenadas geográficas de um ponto central da estação segundo a Carta Militar de Portugal na esc. de 1/25.000 (folha 140):

41° 1' 16" Lat. N.
1° 56' 22" Long. E. Lx.

* Trabalho elaborado no âmbito de um projecto apoiado pelo Programa Estímulo no Domínio das Ciências Sociais e Humanas (JNICT).

** Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Univ. do Porto.

A estação localiza-se no alto de um morro, remate de esporão, situado à altitude absoluta de 681 m., sendo delimitado a sul e a noroeste por ribeiras afluentes do rio do Vale da Vila, tributário do Douro. Em todas as direcções, salvo para nordeste, o morro apresenta boas condições naturais de defesa. É notória a sua posição estrategicamente dominante, quer para leste, na direcção do afluente do Douro, quer para sul e sudoeste, neste último caso face ao planalto onde se situa Freixo de Numão.

2. Breve história das pesquisas em Castelo Velho

A primeira campanha de escavações decorreu em Setembro de 1989, sob a forma de intervenção de emergência, a pedido do S.R.A.Z.C. (Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro) do antigo I.P.P.C., agora designado I.P.P.A.R. Essa primeira campanha teve por objectivo, não só travar o processo de ruína do sítio, como iniciar o estudo e restauro deste importante povoado pré-histórico. Durante essa primeira campanha foi detectada, no alto do morro de Castelo Velho, a presença de duas linhas de muralhas pré-históricas, atribuíveis ao Calcolítico regional, e ainda ténues testemunhos de uma ocupação posterior atribuída à Idade do Bronze.

As duas campanhas seguintes - em 1990 e 1991 - visaram atingir as seguintes metas:

- a) definir, através da escavação, o perímetro das muralhas calcolíticas e caracterizar as ocupações calcolítica e da Idade do Bronze;
- b) detectar, através de prospecções geofísicas, eventuais estruturas enteradas, particularmente no lado norte do morro, de forma a orientar a estratégia da escavação (tal actividade tem estado, desde 1991 até ao presente, a cargo de uma equipa da Faculdade de Engenharia do Porto, dirigida pelo Prof. Abílio Cavalheiro e pelo Eng.^o Jorge Carvalho).

A campanha de 1992 decorreu em duas fases: primeira fase, entre 7 e 28 de Junho; segunda fase, entre 13 de Setembro e 1 de Outubro. Durante esta campanha, para além de se terem desenvolvido tarefas conducentes às metas anteriormente enunciadas, efectuou-se um amplo trabalho de restauro de todas as estruturas arqueológicas exumadas desde a campanha de 1989.

A campanha de 1993 efectuou-se entre 20 de Junho e 3 de Julho, tendo sido consagrada a duas tarefas principais: a escavação de uma estrutura localizada no centro do povoado (e áreas contíguas) e o restauro dessa e de outras estruturas exumadas na campanha anterior. Durante esta 5ª campanha toda a área do povoado e imediações foi objecto de um intensivo programa de lim-

peza, com vista à recuperação do sítio para futuramente ser visitado pelo público.

Os meios utilizados ao longo destas cinco campanhas foram concedidos pela JNICT, maioritariamente, e ainda pelo IPPAR, CELBI, Junta de Freguesia de Freixo de Numão e A. C. R. D. de Freixo de Numão, dirigida por António Sá Coixão, a cuja colaboração muito devem as pesquisas efectuadas nesta estação, por si descoberta¹.

3. Descrição dos trabalhos arqueológicos: estruturas, estratigrafia, áreas funcionais

A descrição que se segue visa fornecer de forma sucinta os principais resultados obtidos ao longo de cinco campanhas de escavação, entre 1989 e 1993 (v. Est. III).

3.1. A primeira ocupação do povoado (Est. IV)

Esta ocupação foi detectada na coroa do monte, entre as curvas de nível de 689 e 680 m. Materializa-se através de sedimentos de cor acinzentada (contendo alguns carvões), dispersos por zonas descontínuas de dimensão reduzida. Estes sedimentos sobrepõem-se directamente à terra estéril de base ou ao *bed-rock*. Correspondem à camada 4 da estação. Nestas “manchas” descontínuas não foram detectadas estruturas de vulto, se exceptuarmos lareiras ou áreas de combustão muito vestigiais (L.1, 2 e 3), e ainda um “lajeado”, no lado sul, numa área contígua a uma grande torre construída durante a ocupação seguinte (Est. IV). Se atendermos à natureza desta primeira ocupação (características dos sedimentos, ausência de estruturas importantes, tipo de materiais associados) podemos levantar a hipótese de que ela se relacione com uma fase de instalação no morro, imediatamente anterior à construção da muralha superior (M1).

¹ As pesquisas foram dirigidas pela signatária, coadjuvada por Vítor Oliveira Jorge, da FLUP, e nelas participaram, além de numerosos estudantes portugueses e estrangeiros (de licenciatura e de pós-graduação), diversos arqueólogos, tais como Maria de Jesus Sanches (FLUP), Ana Bettencourt (Univ. Minho), Isabel Figueiral (colab. da Univ. de Montpellier- Lab. de Paleobotânica), João Muralha (IPPAR), Susana Correia (IPPAR), Ana Leite da Cunha (IPPAR), António da Silva Pereira (GEAP), Margarida Santos Silva (SPA), António Sá Coixão (ACDR de Freixo de Numão), Helena Moura, António Pinto da Silva (SPA), José Manuel Varela (GEAP).

3.2. A segunda ocupação do povoado (Ests. III e V)

Esta ocupação foi detectada em todos os sectores abertos (v. Est. III), embora tenha sido apenas afluída na vala de sondagem realizada na extremidade sul do morro, porque nessa área a escavação ainda se encontra numa fase inicial. Encontra-se delimitada pelas curvas de nível de 676 e 680 m.

Durante esta ocupação foram construídas duas linhas de muralha, várias estruturas associadas de âmbito doméstico, tendo ainda sido detectadas várias áreas funcionais aparentemente relacionadas com a tecelagem, a moagem e a armazenagem. Todas as estruturas referidas são em xisto da região. Os sedimentos articuláveis com esta ocupação correspondem à camada 3 da estação.

A muralha superior (M1), cujo perímetro foi já detectado em cerca de metade da sua totalidade (cerca de 50 metros), descreve um arco de círculo que permite supor a existência, no topo do morro, de um reduto fortificado de planta genericamente elíptica. A M1 apresenta em regra um “aparelho” de duas faces (bastante irregulares) definidas por lajes de dimensão média ou grande na base, encimadas por pedras médias ou miúdas, sem qualquer espécie de argamassa a ligá-las (era a terra argilosa que funcionava como tal). Dada esta incipiente técnica construtiva, a referida muralha (ou o que restou dela após sucessivas degradações) encontrava-se num apreciável estado de ruína aquando da sua escavação. A maior largura da muralha observa-se a oeste (c. de 2,50 m.) e a menor a leste (c. de 1,20 m.). É também a oeste que a muralha se encontra melhor preservada em altura (c. de 80 cm.), contrastando com uns escassos 30 cm de altura máxima a norte e a leste. De notar que, ao longo dos séculos, e segundo informações que possuímos, o sítio serviu de autêntica “pedreira” para abastecimento das populações em lajes de xisto, com vista à construção dos muros divisórios de propriedade. Tal facto contribuiu para o aspecto de verdadeiro caos de pedras amontoadas que a estação oferecia aquando do início dos trabalhos.

Na M1 foram detectadas até à data três “entradas” ou “portas”, que designamos por referência aos respectivos pontos cardeais (porta W, porta N e porta L). A porta N é a de concepção mais simples. Trata-se de um curto “corredor” que intersecta perpendicularmente a muralha, com cerca de 1 m. de largura e 1,5 m. de comprimento. Neste sítio a M1 interrompe-se, ao nível da base (desconhecemos a sua parte superior), formando ângulos quase rectos. De salientar a existência de uma pequena lareira estruturada (L.6 da Est. V) à entrada da porta N no seu lado este. A porta W é de concepção mais complexa. Também ela intersecta perpendicularmente a muralha. Contudo, esta interrompe-se, de ambos os lados, através de dois tipos de espessamentos: para nordeste, a muralha desenvolve-se através de um espessamento curvilíneo na sua face interna,

escalonando-se em dois “patamares” até à base; para sudeste, a muralha apresenta um espessamento trapezoidal (definindo ângulos mais ou menos rectos) aproveitando, para o seu escoramento, a proximidade de um afloramento xistoso, que integra no seu alinhamento para sudoeste. De realçar ainda que a porta oeste é constituída por um estreito “corredor” com cerca de 1,20 m. de largura e 2 m. de comprimento, delimitado de ambos os lados por duas estruturas pétreas baixas (com c. de 15 a 20 cm. de altura) adossadas, cada uma delas, a um dos lados da muralha. Estas estruturas, que formam uma espécie de “degraus” embutidos na própria muralha, podem ter estado ligadas a um qualquer dispositivo de fecho ou estreitamento da entrada original. A porta Leste é a mais estreita das até agora detectadas. Intersecta perpendicularmente a M1 numa zona em que esta apresenta uma largura máxima de c. de 1,20 m. Para noroeste, a extremidade da muralha mostra não só um ligeiro espessamento trapezoidal (bastante irregular), como, adossada à base, integra uma estrutura em degrau, do mesmo tipo que já foi referido a propósito da porta oeste. Contudo, aqui, esta estrutura é bastante ampla, pelo que ocupa grande parte da área destinada ao corredor da porta leste, que fica assim reduzido a uma largura de c. de 40 cm. Este “corredor” tem cerca de 1,50 m. de comprimento.

Directamente associados à M1 encontram-se, pelo menos, três possíveis muros radiais de contenção (reduzidos às pedras da base) (m, Ests. III e V) e um provável bastião (B - Ests. III e V) de forma sub-circular e parte externa faceada, reduzido à fiada de base. Os muros radiais têm cerca de 2,5 m. de comprimento e 50 cm. de largura e são constituídos externamente por pedras de dimensões médias (algumas faceadas) e, no seu interior, por pedra miúda e terra argilosa. Dois deles encontram-se adossados à face externa da M1 e um terceiro à sua face interna. Quanto ao bastião, ele é delimitado por uma fiada de pedras bem faceadas do seu lado leste, e por um segundo reforço no seu lado oeste. O interior deste possível bastião é constituído por um enchimento correspondente a uma eventual utilização, e incorporando restos de actividades domésticas (fragmentos cerâmicos, um peso de tear, etc.). Tanto os muros radiais como, sobretudo, este provável bastião, terão sido construídos numa fase posterior à erecção e utilização inicial da M1; contudo, não podemos precisar o lapso de tempo que decorreu entre as sucessivas fases de construção de todas estas estruturas.

Entrando no domínio das estruturas de carácter doméstico, elas concentram-se sobretudo no interior da área definida pela M1, ou seja, no alto do morro. Sensivelmente no centro do reduto fortificado ergue-se, adossada a um afloramento, uma grande estrutura pétreia de forma sub-circular, com 9 m. de diâmetro. Esta estrutura apresentava exteriormente uma face constituída por lajes afeiçoadas de várias dimensões. O enchimento era maciço, composto por

pedras de médias e pequenas dimensões. Tanto quanto podemos interpretar as características arquitectónicas e topográficas desta estrutura, ela poderá corresponder à base pétreia de uma eventual torre central do povoado (T - Ests. III e V). Nas zonas melhor conservadas a torre apresentava uma altura de c. de 70-80 cm. Mas, se atendermos a que estamos em presença, apenas, da base de uma plataforma maciça cujo topo teria de estar, no mínimo, ao nível do cimo do afloramento, para se tornar operacional, é previsível que esta estrutura pudesse atingir, em algumas áreas com maior declive, uma altura próxima de 1,50 m. Quanto à torre propriamente dita, desconhecemos inteiramente as suas verdadeiras dimensão e forma originais, em alçado. No lado norte da torre foi detectada uma “entrada” com a orientação NE-SO. Esta entrada era constituída por um estreito corredor com cerca de 1,5 m. de largura, delimitado, nos primeiros 80 cm. a partir do exterior, por pedras faceadas de dimensões médias. Contudo, após esta espécie de “átio”, ladeado de muretes simétricos, a entrada ficava apenas definida pelo murete do lado oeste. Este prolongava-se durante cerca de 3,5 m. e encostava directamente ao afloramento. O espaço existente no interior desta abertura era constituído, ao nível da base, por pedras de dimensões medianas que formavam uma espécie de lajeado tosco, em rampa, que subia ligeiramente de fora para dentro da estrutura, até encostar também ao afloramento central.

As demais estruturas pétreas apresentam plantas sub-circulares (E - Est. V e Est. III) e os diâmetros oscilam entre 1 e 2 m. Todas estas estruturas apresentam características arquitectónicas, conteúdos, e disposições topográficas que as diferenciam entre si. Três dessas estruturas encontram-se nas proximidades das portas já descritas. Uma delas está mesmo em frente da porta leste, aparentando conectar-se funcionalmente com esta. O seu enchimento é constituído por camadas praticamente estéreis de material arqueológico. As outras duas, pelas características construtivas e tipo de enchimento, ou estruturas mais pequenas associadas, poderão ter servido para múltiplas funções ao longo do tempo, de que não é de excluir a armazenagem de produtos relacionados com a subsistência. De salientar o caso particular da estrutura anexa à porta oeste (Est. V), à qual se encontravam associados um conjunto de “alvéolos” delimitados por pedras e lajes, no interior dos quais foram encontrados grandes fragmentos de vasos de provisões. Outras estruturas sub-circulares distribuem-se pelo interior do reduto fortificado e apresentam características muito diversas entre si. Apenas uma delas (a estrutura anexa à lareira 3 - Est. V) terá sido reutilizada durante a Idade do Bronze. As restantes foram fechadas ou arrasadas aquando desta última ocupação. De assinalar a existência de três pequenas estruturas contíguas à torre central - equidistantes entre si e da torre - cujas características arquitectónicas são também muito diversas. Todas se encontravam associadas

ou nas proximidades de buracos de poste. A estrutura situada no quadrado B13 implanta-se nas imediações de uma lareira não estruturada (L. 7) e de moinhos manuais em granito (M). Tratar-se-á de uma área funcional relacionada com moagem/armazenagem cuja investigação consideramos prioritária e a realizar nas próximas campanhas. A perfeita compreensão da(s) funcionalidade(s) destas estruturas depende de uma análise espacial fina de todos os testemunhos exumados, a qual se encontra ainda numa fase precoce de execução.

Para além das estruturas pétreas mencionadas, foram ainda identificados buracos de poste estruturados (b - Est. V) e lareiras estruturadas delimitadas por pedras (L - Est. V). À excepção da lareira 5, todas as restantes lareiras abertas na camada 3 (L. 1, 2, 3, 4, 6 e 8) localizam-se no interior do recinto fortificado delimitado pela M1. De referir a concentração, numa área restrita, de um conjunto de quatro lareiras (L. 1, 2, 3 e 4), que, evidentemente, podem não ter coexistido no tempo. Esta concentração apenas atesta uma provável área funcional associada a estruturas de combustão.

Para além desta possível área funcional, é de referir ainda a existência de algumas outras: a) duas relacionadas com a moagem (M - Est. V): uma, nas imediações da porta norte, onde se encontraram muitos elementos fixos e moventes de moinhos manuais; outra, na zona sul, próximo da torre central, onde foram descobertos moinhos manuais associados a uma provável estrutura de armazenamento; b) duas outras relacionadas com a tecelagem (T - Est. V): uma primeira constituída por sete pesos de tear *in situ* nas imediações da porta oeste (T1); uma segunda constituída por mais de uma vintena de pesos de tear *in situ* inseridos numa área intencionalmente escavada no *bed-rock* e associados a um buraco de poste estruturado (T2); c) várias áreas relacionadas com a armazenagem, testemunhadas pela presença quer de algumas estruturas pétreas já referidas, quer de vasos de provisões agrupados em determinadas zonas específicas do recinto superior.

Ainda durante esta segunda ocupação do povoado foi construída uma segunda linha de muralha, a M2. A M2 foi detectada em duas valas de sondagem no sector oeste e numa terceira vala situada no sector leste. A leste, a M2 encontrava-se reduzida a uma estrutura muito danificada (c. de 1,50 m. de largura), praticamente só intacta ao nível da base, sem que já fosse visível a sua face interna. Contudo, apesar do seu estado de ruína, apresentava neste troço um “aparelho” provavelmente com duas faces. A oeste, a M2 tinha características diversas em cada uma das valas de sondagem. Numa delas, encontrava-se também preservada só ao nível da base (c. de 1,80 m. de largura), mas ainda era perceptível o duplo faceamento; na outra vala, a M2 era constituída por uma potente e bem preservada estrutura (com cerca de 2,50 m. de largura) cujo “aparelho” privilegiava a disposição das pedras “em escama”. A análise da

distribuição espacial da M2 (através da escavação e da observação superficial da topografia do morro) leva-nos a pensar que esta estrutura seria constituída por lanços descontínuos, enquadrando sobretudo a leste e a oeste a M1 (v. Est. III). De referir a relativa pequena distância existente entre as duas muralhas a oeste (c. de 7 m. em média), contrastando com a maior distância a leste (c. de 12 m. em média). Nas áreas abertas pela escavação foi possível detectar vestígios de ocupação no espaço entre as duas muralhas, embora não tenham ainda sido identificadas estruturas de vulto, à excepção das adossadas à M1, já anteriormente referidas. Tal facto deve-se também, certamente, ao grau de erosão sofrido pelo morro nas zonas onde eventuais estruturas poderiam ter ocorrido. Tal apreciação parece em parte ser corroborada pelos resultados das prospecções geofísicas realizadas em toda a frente norte do povoado (v. anexo 2).

3.3. A terceira ocupação do povoado (Ests. VI e VII)

Esta ocupação, com vestígios *in situ*, só foi detectada em áreas circunscritas (Est. VI). Basicamente podemos afirmar o seguinte:

- durante esta fase, as portas leste e norte da M1 são fechadas através da colocação de pedras de grandes ou médias dimensões (de referir o cuidado especial posto no fecho da porta leste, através da construção de um murete interno e da colocação de grandes moinhos manuais no estreito corredor de acesso); contudo, a porta oeste é deixada aberta, tendo apenas sido inutilizado o sistema de fecho anterior (estreitamento com “degraus”) e construído um lajeado na zona de acesso ao reduto interior. Esta abertura passa a ser mais ampla, com cerca de 1,5 m. de largura e 2,5 m. de comprimento;
- adossadas à M1, e à torre central, são edificadas estruturas domésticas de natureza diversa (A, B, C, D e E). Enquanto as estruturas B e C (ainda que muito arruinadas) terão tido bases pétreas, a estrutura A encontrava-se reduzida a uma área com sedimentos carbonizados delimitados por pedras de pequenas e médias dimensões; as estruturas D e E poderão corresponder a vestígios de lajeados, buracos de poste, e muretes adossados à torre central;
- as estruturas construídas e utilizadas na fase anterior são fechadas e inutilizadas nesta terceira fase, à excepção da estrutura x e da torre central (Est. VI), que parecem ter sido reutilizadas;
- entre as estruturas de pequena dimensão (para além de buracos de poste estruturados) (a, b, c, d - Est. VI) é de referir a presença no sector oeste de uma estrutura pétreia de pequeno porte associada a restos de fauna

carbonizados (z - Est. VI).

A Est. VII dá-nos conta do estado de ruína do sítio após o respectivo abandono, que se deve ter dado no fim desta terceira ocupação. De referir que, nas áreas intervencionadas, a dispersão de pedras ocorre praticamente em todos os sectores escavados, embora se concentre preferencialmente na área das muralhas, torre central e estruturas da segunda ocupação. Embora não possamos ainda adiantar uma hipótese definitiva, cremos que a terceira ocupação do povoado preservou e reutilizou globalmente as muralhas e a torre central construídas durante a segunda ocupação, embora possa não lhes ter atribuído a mesma função. Não sabemos, por ex., se as muralhas não terão sido simplesmente reduzidas a muretes delimitadores do espaço interior do povoado, perdendo assim qualquer eventual capacidade defensiva anterior. Relativamente à torre central, podemos afirmar que a entrada em rampa foi refeita durante a terceira ocupação, pelo que a grande estrutura existente no centro do povoado terá mantido nesta fase algumas das suas primitivas funções de presumível vigilância e defesa.

Contudo, a natureza vestigial dos testemunhos da terceira ocupação dificulta, de momento, qualquer apreciação mais desenvolvida sobre o sistema de conexões funcionais das estruturas desta fase.

4. Os materiais

4.1. Breve síntese sobre os materiais arqueológicos

O estudo dos materiais provenientes das escavações de Castelo Velho encontra-se a ser executado por diferentes equipas, coordenadas pela autora. De destacar a presente investigação sobre a produção cerâmica, a cargo de alunos do Mestrado de Arqueologia da FLUP, no âmbito de teses em preparação. No presente trabalho apenas mencionaremos os principais tipos de artefactos que ocorrem nesta estação, nas duas principais fases de ocupação calcolítica e na ocupação da Idade do Bronze.

Durante a fase calcolítica (camadas 4 e 3) existe uma apreciável variedade de artefactos. Destaque-se recipientes cerâmicos, pesos de tear em argila, contas de colar de cor verde, enxós e machados polidos, moinhos manuais em granito, percutores e talvez “martelos”, e algumas (raras) lâminas com retoques em matérias-primas locais, nomeadamente o quartzo e o xisto.. De referir a raridade de material lítico, quer polido quer talhado, e ainda a quase inexistência de matérias-primas, de natureza lítica, exteriores à região. O cobre está presente nas duas camadas: mas apenas na camada 3 foram exumados dois artefactos,

um machado plano e um cinzel. De referir que as formas cerâmicas calcolíticas integram tipos morfológicos conhecidos do Calcolítico do Norte de Portugal: esféricos, taças hemisféricas, calotes de esfera, ovóides, tronco-cónicos, etc. Mais de metade dos recipientes são decorados, graças a incisões, puncionamentos, impressões e aplicações plásticas. Predomina largamente a técnica de impressão penteada, isolada ou associada a puncionamentos, incisões ou “pastilhas repuxadas”.

Durante a fase da Idade do Bronze (camada 2) o material arqueológico está reduzido a recipientes cerâmicos e alguns artefactos líticos (machados e enxós polidos, lâminas serrilhadas em quartzo, pontas de seta em sílex ou elementos de moinhos manuais em granito). A cerâmica divide-se basicamente em dois grandes tipos: recipientes de excepção - taças decoradas com incisões e puncionamentos segundo o “estilo Cogeces” (conectado com a Meseta Norte) - e recipientes comuns (esféricos, ovóides, tronco-cónicos, etc.), lisos ou decorados (decoração plástica - cordões e mamilos sob o bordo - e ainda impressões penteadas).

4.2. Apontamento sobre os ecofactos

Os ecofactos recolhidos são de três tipos: - sementes de cereal e provavelmente de leguminosas; - carvão de madeira que, através da antracologia, nos permite reconstituir a flora existente nas imediações do povoado que foi utilizada para fins domésticos (v. anexo); - restos ósseos de animais, que através de estudos paleozoológicos nos permitem determinar, pelo menos, parte da fauna consumida no interior do povoado. De salientar que, pela sua própria natureza, a análise destes materiais se encontra ainda em curso (pelo Prof. Telles Antunes, da U. N. L.).

5. Dados para datar as três fases de ocupação do povoado

Até ao presente foram datadas, no laboratório de C14 do LNETI, 6 amostras de carvão provenientes das camadas 4, 3 e 2 do povoado de Castelo Velho. Das campanhas de 1992 e 1993 provêm mais amostras de carvão; seis das da primeira campanha citada (1992) foram enviadas ao mesmo laboratório para datação, aguardando-se ainda o respectivo resultado.

Uma análise breve das seis primeiras datas de C14 para o povoado de Castelo Velho leva-nos aos seguintes comentários provisórios (Quadros I e II):

Quadro I

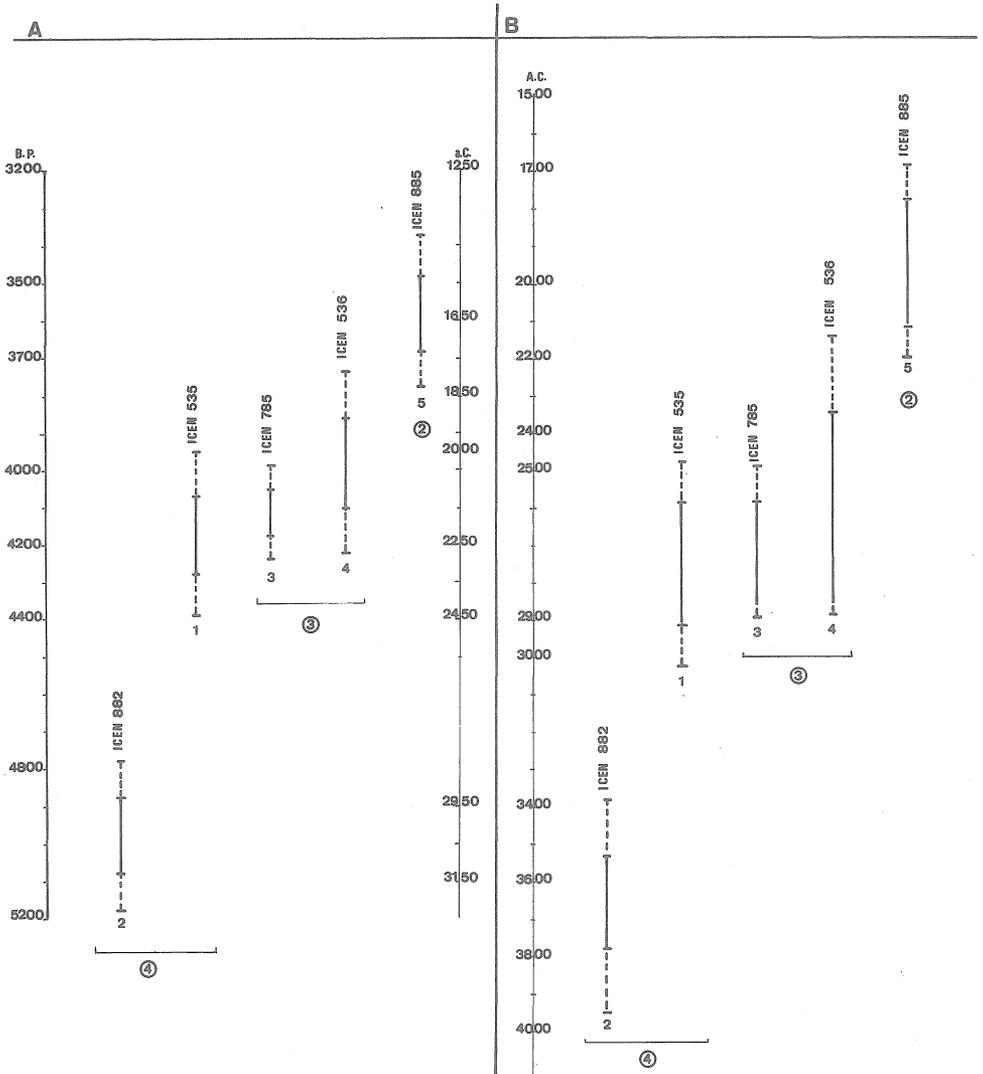
Numeração interna	Nº de Laboratório	Proveniência estratigráfica	Datas B.P.	Datas cal A.C.		Conversão a.C.
				1 σ	2 σ	
1	ICEN-535	A'4 - C.4	4170 \pm 110	2910-2590	3032-2962 2940-2470	2220
2	ICEN - 882	M'7 - C.4 L.1	4980 \pm 100	3780-3620 3570-3539	3950-3840 3830-3500 3415-3381	2940
3	ICEN - 785	B'5 - C.3 L.3	4110 \pm 60	2873-2803 2776-2717 2704-2583	2889-2791 2790-2560 2545-2494	2160
4	ICEN - 536	A5+A4 C.3	3980 \pm 120	2855-2824 2658-2640 2620-2340	2885-2793 2790-2180 2167-2142	2030
5	ICEN - 885	G8+F7 C.2	3570+100	2114-2085 2040-1860 1846-1772	2199-2151 2150-1680	1620
6	ICEN - 881	G'6 C.2	900 \pm 45	1036-1192 D.C	1021-1231 D.C	

— A data ICEN-881 (nº 6) relativa a uma amostra de carvões provenientes do quadrado G'6, camada 2, é obviamente anómala;

— as datas ICEN-785 (nº 3) e ICEN-536 (nº 4) são relativas a amostras de carvões provenientes, respectivamente, do quadrado B'5, camada 3, lareira 3, e dos quadrados A5/A4, camada 3. Neste último caso, trata-se de uma área de combustão não estruturada. São datas estatisticamente idênticas, as quais nos remetem para um lapso de tempo situado algures no último quartel do IIIº milénio a. C. (em datas não calibradas), ou integrável na primeira metade do IIIº milénio A. C. (em datas calibradas). Esta cronologia global atribuída à segunda ocupação do sítio articula-se plenamente com os dados fornecidos pelos materiais da camada 3, que, por sua vez, se integram no Calcolítico Final regional;

— a data ICEN-535 (nº 1) corresponde a uma amostra de carvões provenientes do quadrado A'4, camada 4, sendo estatisticamente idêntica à ICEN-785 (nº 3) anteriormente referida. Aponta para um momento de ocupação imediatamente anterior à construção das muralhas e da torre central do povoado, e outras estruturas associadas à camada 3. Dada a distribuição espacial da camada 4, a natureza dos respectivos sedimentos, posicionamento estratigráfico e ainda material arqueológico nela inserido, não nos repugna aceitar esta data como um

Quadro II



dos marcos possíveis para a primeira ocupação de Castelo Velho;

— a data ICEN-882 (nº 2) é relativa a uma amostra de carvões provenientes de uma lareira não estruturada (L. 1) encravada no *bed-rock* existente no quadrado M'7 e possivelmente articulável com a camada 4. A antiguidade desta data não é facilmente justificada pela análise dos dados arqueológicos. Contudo, dado o seu carácter isolado, será de esperar por uma lista mais ampla de datas para a poder avaliar correctamente;

— a data ICEN-885 (nº 5) corresponde a uma amostra de carvões provenientes de uma área de combustão existente entre os quadrados G8 e F7, na camada 2. Essa área encontrava-se no interior de uma estrutura adossada à M1 no seu lado externo, na qual foram exumados fragmentos cerâmicos de “tipo Cogeces”. Esta data remete-nos para um momento da terceira ocupação do povoado situado algures na primeira metade do IIº milénio a. C. (datas não calibradas) ou nos finais do IIIº/ inícios do IIº milénio A. C. (datas calibradas).

Com base na análise crítica destas seis datas disponíveis (até agora inéditas), e numa primeira apreciação dos materiais, estratigrafia e estruturas do povoado, apresentamos a seguinte hipótese de evolução cronológica do sítio.

- 1 — Uma primeira fase de ocupação, no topo do morro (correspondente à camada 4), imediatamente anterior à M1, poderá ter tido o seu início por volta de 2.400/2.300 a. C. (em datas não calibradas), ou de c. de 3.000 A. C. (cal.). Contudo, esta primeira fase não se encontra ainda bem definida, nem quanto à sua cronologia, nem quanto às características da sua implantação;
- uma segunda fase, correspondente ao momento de construção e utilização das muralhas M1 e M2, da torre central e de várias estruturas associadas (camada 3) poderá ter ocorrido entre cerca de 2.250 e 1.800 a. C. (c. 2.900-2.200 A.C. cal.);
- uma terceira fase, correspondente à reocupação do sítio e reutilização das estruturas anteriormente mencionadas (camada 2) poderá ter ocorrido entre cerca de 1.800 a. C. e 1.450 a. C. (c. 2.200-1.700 A.C. cal.).

Este quadro evolutivo deve ser encarado como uma primeira aproximação, muito provisória, à diacronia do sítio.

6. Breve apontamento sobre as prospecções geofísicas

Como consta do relatório anexo, da responsabilidade do Departamento de Minas da FEUP, as prospecções geofísicas realizadas entre 1991 e 1993,

concentraram-se globalmente no lado norte do morro de Castelo Velho. Apesar das dificuldades específicas encontradas, devidas às características do terreno, é-nos permitido avançar o seguinte: - existem alguns indícios de possíveis estruturas enterradas na área intervencionada pela equipa do Dep.^o de Minas; parece-nos ser uma área de potencial interesse, a escavar futuramente, a que se situa entre a M1 e a M2, nas imediações da entrada norte; - apesar de não podermos ser conclusivos a este respeito, cremos que os resultados obtidos nestas prospecções apontam no sentido da descontinuidade da M2 no lado norte do morro (v. Est. III). Sem uma intervenção mais ampla neste sector não se pode ainda determinar as causas que estiveram na origem de tal possível descontinuidade. Esta tanto se pode dever a um processo de destruição intensivo da M2 no lado mais exposto do morro, como à pura ausência desta muralha nesta área do monte.

II. CASTELO VELHO NO CONTEXTO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL

1. O povoado de Castelo Velho terá sido ocupado pela primeira vez durante a segunda metade do III^o milénio a. C. (1^a metade do III^o milénio A. C. cal.), tendo tido um momento auge da sua existência nos finais desse milénio. Durante esta segunda fase (Calcolítico Final do Norte de Portugal) foram construídas duas linhas de muralha, sendo sobretudo de destacar a muralha superior, a M1, que delimitava um recinto de dimensões reduzidas, ou área central proeminente. No interior deste reduto fortificado foram exumadas diversas estruturas pétreas, sendo de destacar uma grande torre central sub-circular. Entre as áreas funcionais detectadas salientamos as relacionadas com as práticas da tecelagem, da moagem, e do armazenamento (de eventuais produtos de subsistência).

Algumas lareiras ou áreas de combustão de carácter doméstico parecem testemunhar a utilização do reduto fortificado como um eventual local de habitação. Pelas características enunciadas - estruturas e materiais encontrados no interior de um pequeno recinto fortificado, o qual sofreu transformações várias ao longo do tempo - cremos estar em presença de uma área predominantemente especializada no fabrico e/ou armazenagem de produtos relacionados quer com a subsistência, quer com outras necessidades quotidianas, como a do vestuário, por ex.. Referimo-nos genericamente à produção de farinha, resultante, eventualmente, da moagem de cereais e respectivo armazenamento em estruturas pétreas ou em grandes vasos; e, ainda, à produção de tecidos (no sentido mais amplo desta palavra) em teares verticais. Um desses teares, se atendermos ao

número de pesos descobertos *in situ*, poderá ter constituído um dispositivo relativamente evoluído.

A área escavada até ao momento no exterior do reduto central, sobretudo a oeste, entre a M1 e a M2, não revelou, durante a ocupação calcolítica, estruturas de vulto. Contudo, tal poderá dever-se ao grau de destruição do povoado neste sector. De facto, cremos que a atribuir-se uma função especializada à área delimitada pela M1, teremos de procurar a verdadeira zona habitada do povoado no exterior desta muralha, sobretudo entre esta e a M2. Esta última pode ter funcionado como um simples “murete” (talvez espacialmente descontínuo) para contenção de sedimentos e estruturas, delimitador da área envolvente do sector “nobre” do povoado. Mesmo assim, a superfície total definida por este duplo dispositivo de muros, não excede, *grossomodo*, 0,15 ha., o que significa que a área referida não albergaria, certamente, mais de umas 50 pessoas.

Infelizmente, a destruição levada a cabo nas imediações do habitat para implantação de eucaliptos, impede-nos definitivamente de saber qual a extensão original do mesmo.

Durante a primeira metade do II^o milénio a. C. (finais do III^o/ inícios do II^o milénio A. C. cal.) sabemos que o povoado se encontrava ocupado por uma comunidade que, numa primeira fase, reutilizou as estruturas anteriores. Reutilizou-as, mas redefiniu-lhes algumas funções vitais: duas das entradas da muralha superior foram fechadas, assim como algumas estruturas pétreas do recinto fortificado. Por outro lado, as muralhas da fase anterior parecem ter sido “recuperadas” mais como “muros” delimitadores de novos espaços, do que como eventuais estruturas defensivas.

Finalmente, a torre central parece ter continuado a apresentar uma função polarizadora do recinto superior, se atendermos à reconstrução da respectiva entrada, e ainda à existência de vestígios de estruturas adossadas a ela, em todo o seu perímetro.

Sobre esta terceira ocupação gostaríamos de salientar os seguintes aspectos:

- a) Não possuímos até à data elementos seguros para caracterizar a específica funcionalidade do reduto central e das zonas adjacentes entre a M1 e a M2;
- b) A análise dos materiais arqueológicos insertos na camada 2 revela-nos uma permanência da tradição local ao nível das cerâmicas comuns. Na verdade, durante este período, a par da emergência de novos tipos cerâmicos, característicos da Idade do Bronze do Norte de Portugal (vasos com cordões, mamilos ou medalhões, ou ainda recipientes de “tipo

Cogeces”) persistem recipientes decorados com impressões penteadas, na linha da anterior ocupação calcolítica²;

- c) Dada esta sobrevivência ao nível da cerâmica comum, a reutilização sem remodelações de fundo das principais estruturas calcolíticas (à excepção do fecho de duas entradas da M1) e o não reconhecimento de qualquer hiato na estratigrafia entre a camada 3 e a camada 2, somos levados a supor que a última ocupação se verificou em continuidade com a anterior, ou seja, o povoado calcolítico terá continuado a ser (permanentemente?) ocupado durante a primeira metade do II^o milénio a. C., tendo sido respeitados nesta fase os principais espaços definidos anteriormente pelas muralhas e torre central. Quaisquer que tenham sido as mudanças ou permanências operadas no interior desses espaços durante o II^o milénio a. C., a verdade é que o povoado parece ter mantido ao longo de quase um milénio a sua concepção arquitectónica globalmente intacta.

2. A história da vida deste povoado requer que seja desenvolvido um amplo programa de análises sobre os testemunhos detectados no seu interior. Destaque-se, nomeadamente, a necessidade de se proceder à análise de distribuição espacial dos materiais, em conexão com o estudo da proveniência de algumas matérias-primas exteriores ao local e à região. Por outro lado, as análises relativas à determinação das espécies animais e vegetais serão fundamentais para ajudar a definir o padrão de comportamento económico e social das populações que habitaram este sítio no III^o e no II^o milénios a. C. Neste capítulo, o do estudo “interno” do povoado, estamos somente no início das investigações. Mas, como é sabido, por mais exaustiva que seja a pesquisa virada para um local específico, ela nunca poderá atingir os seus objectivos se não for acompanhada de um plano de investigações a nível regional. Ora, o povoado de Castelo Velho encontra-se numa área praticamente desconhecida do ponto de vista do seu enquadramento pré-histórico³. Neste sentido, a compreensão global deste povoado encontra-se absolutamente dependente de um programa paralelo de prospecções e escavações na zona, que nos permita iluminar a sua importância a nível regional, nos vários períodos em que foi ocupado.

3. O povoado de Castelo Velho revela um conjunto apreciável de novidades a nível da Pré-história Recente do Norte de Portugal e até mesmo do

² V. Maria das Dores G. Cruz, “A cerâmica de Castelo Velho (Freixo de Numão)”, poster apresentado a este Congresso e dissertação de mestrado da mesma autora e sobre o mesmo tema (em vias de conclusão).

³ Este enquadramento tem vindo a ser estudado há vários anos por António Sá Coixão, no âmbito da preparação da Carta Arqueológica do Concelho de V.ª N.ª de Foz Côa.

Noroeste peninsular. Enunciemos as mais significativas.

1) Trata-se de um povoado fortificado que remonta ao Calcolítico Final regional. No Norte de Portugal é quase desconhecido este tipo de povoados datados de época calcolítica. O único habitat provavelmente fortificado, no qual foi praticada uma pequena escavação, é o de S. Lourenço, em Chaves⁴, tendo revelado, no entanto, uma arquitectura bastante distinta da de Castelo Velho. Outros povoados como o de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.ª N.ª de Foz Côa) ou o do Crasto (Palheiros, Murça)⁵, que podem conter dispositivos defensivos desta fase, nunca foram intervencionados. Na vizinha província de Zamora encontra-se em curso de escavação o povoado calcolítico de El Pedroso⁶. Deste modo, com o estudo de Castelo Velho de Freixo de Numão amplia-se a lista de fortificações calcolíticas identificadas no Norte da Península, nomeadamente as conectadas com a bacia do Douro.

2) Trata-se também de um povoado aparentemente especializado em tarefas produtivas decorrentes de um processo mais amplo de intensificação económica. A produção e armazenagem de cereais e leguminosas encontra-se testemunhada no Norte de Portugal na última ocupação do abrigo do Buraco da Pala (Mirandela)⁷ que, aliás, é contemporânea da segunda ocupação calcolítica de Castelo Velho. Indirectamente, é também possível reconhecer um incremento da produção agropastoril nas últimas ocupações calcolíticas dos povoados da Vinha da Soutilha, Pastoria, S. Lourenço e Castelo de Aguiar⁸.

3) Contudo, a maior novidade de Castelo Velho radica numa concepção do espaço doméstico até agora desconhecida nesta região. Pela primeira vez o registo arqueológico revelou uma área onde se concentram estruturas pétreas de vários tipos e dimensões que parecem poder relacionar-se com a armazenagem, eventualmente de produtos alimentares, num espaço “reservado”, real e simbolicamente protegido. Constitui pois uma área que foi “monumentalizada”, contendo estruturas duráveis em pedra, e que parece apontar para uma organização social de carácter evolucionado, cujos contornos ainda são difíceis de definir. De facto, o controlo do trabalho e da tecnologia necessários na edificação deste povoado, como na manutenção de todas as estruturas e actividades ali processadas, ao longo de um tão grande período de tempo, pressupõe a existência de

⁴ V. poster apresentado a este Congresso pela autora e por Paula Mota Santos.

⁵ Prospecções, respectivamente, de A. Sá Coixão e M.ª Jesus Sanches.

⁶ V. Delibes de Castro, G. e Val Recio, Jesús del (1990), Prehistoria reciente zamorana: del megalitismo al Bronce, *Primer Congreso de Historia de Zamora. Tomo II. Prehistoria e Historia Antigua*, Zamora, Diputación de Zamora, pp. 53-99.

⁷ Sobre este povoado v. , por ex., poster de M.ª de Jesus Sanches *et alii* apresentado ao presente Congresso.

⁸ V., da autora, *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar*, Porto, Instituto de Arqueologia, 1986.

uma liderança forte e estável. Por outro lado, a construção de um povoado segundo um modelo arquitectónico prestigiante, que parece repetir, em determinados aspectos, características supra-regionais, sugere a vontade de ostentar um certo tipo de poder inerente a sociedades hierarquizadas.

4) Finalmente, a construção deste pequeno dispositivo defensivo permite-nos supor a existência, na região, de uma rede hierárquica de povoamento. Castelo Velho poderia constituir um local particularmente vocacionado para a armazenagem e transformação de produtos locais, produtos esses que eventualmente seriam destinados ao consumo e ao intercâmbio regionais.

A complexificação social evidenciada em Castelo Velho é ainda extensível a outros aspectos da sua cultura material. Os artefactos de cobre descobertos durante a segunda ocupação indiciam intercâmbios supra-regionais de objectos de prestígio que se enquadram na necessidade de consolidação das lideranças atrás referida.

Aliás, Castelo Velho localiza-se numa região charneira entre a Beira Alta e Trás-os-Montes, nas proximidades de outros locais globalmente contemporâneos, que também forneceram testemunhos de intensificação económica e complexidade social: temos os exemplos dos abrigos da Serra de Passos, nomeadamente o Buraco da Pala (Mirandela) e ainda o importante “santuário” com estelas antropomórficas do Cabeço da Mina (Vila Flor)⁹, ainda inédito. Parece, aliás, que toda esta área de Trás-os-Montes e Alto Douro que integra a bacia de Mirandela, o vale da Vilariza (a norte do Douro) e certas áreas do baixo Côa e outros afluentes da margem esquerda do Douro (a sul deste rio) terá constituído no Calcolítico um foco inovador que importa futuramente investigar no seu conjunto.

O povoado de Castelo Velho continuou a ser ocupado ao longo da 1^a metade do II^o milénio a. C. Apesar da pouca informação disponível, é possível destacar dois aspectos:

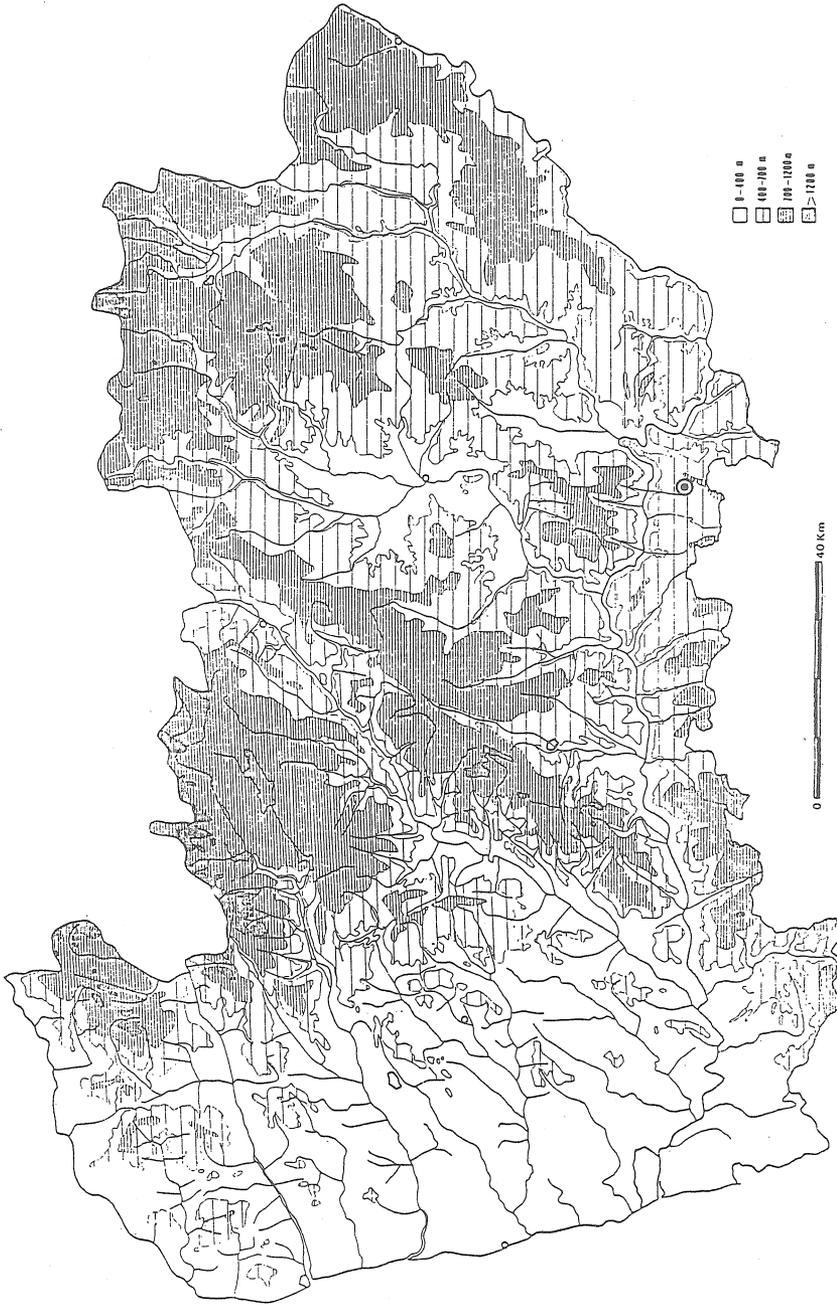
a) Existem indícios, por enquanto ténues (sobretudo ao nível da fauna doméstica - estudos do Prof. Telles Antunes, da U.N.L.) de um possível incremento da actividade agro-pastoril. Paradoxalmente, o registo arqueológico não captou ainda suficientemente eventuais transformações operadas no espaço doméstico neste período. Por outro lado, a prospecção arqueológica na região atesta a presença de um número significativo de povoados com materiais afins aos da camada 2 de Castelo Velho. De referir a presença numa zona não muito distante deste último povoado da famosa estela de Longroiva (Meda) atribuída

⁹ Estação em curso de estudo por Orlando Sousa (IPPAR).

ao Bronze Inicial regional.

b) A presença da cerâmica de “tipo Cogeces” revela a inclusão do povoado de Castelo Velho na órbita de amplas interacções que articularam a Meseta Norte e o Noroeste peninsular a partir, pelo menos, de meados do II^o milénio a. C. Na verdade, começam agora a ser identificados inúmeros povoados localizados na área do Alto Douro português que revelaram cerâmicas do âmbito “Cogeces-Cogotas I”. Tais cerâmicas poderão indiciar mecanismos de procura e troca de produtos vários (nomeadamente o metal) entre o Centro da Península e núcleos ocidentais produtores de estanho e cobre.

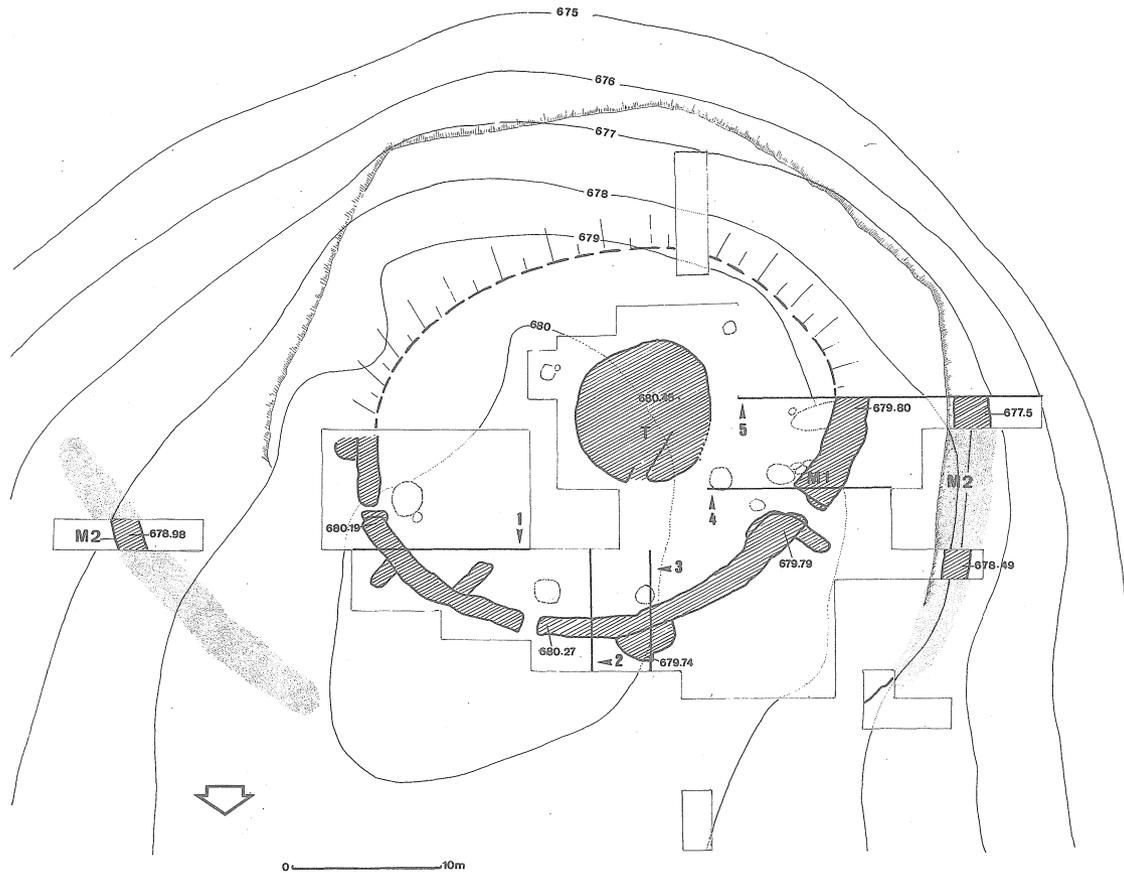
Quaisquer que tenham sido as múltiplas causas que determinaram a ocorrência desta cerâmica em Castelo Velho, cremos que a sua presença ajuda a articular a última fase deste povoado com uma esfera mais abrangente de interacções supra-regionais do que as observadas durante o III^o milénio a. C.



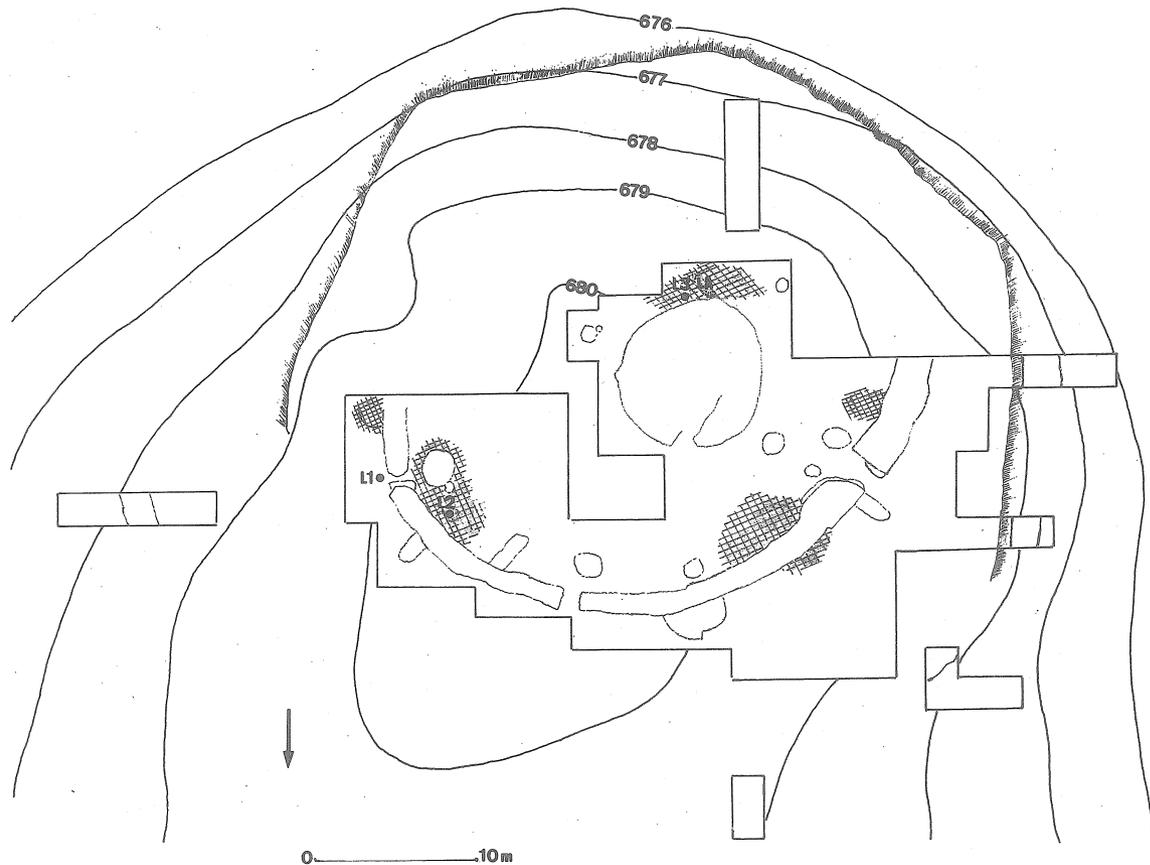
Localização do povoado de Castelo Velho no Norte de Portugal.



Localização da estação na Carta militar de 1/25000: o círculo menor define a área com vestígios arqueológicos visíveis; o círculo maior delimita uma zona que pode ter contido vestígios arqueológicos conectados com o povoado, mas que foi revolvida pelas máquinas da empresa CELBI para a plantação de eucaliptos.



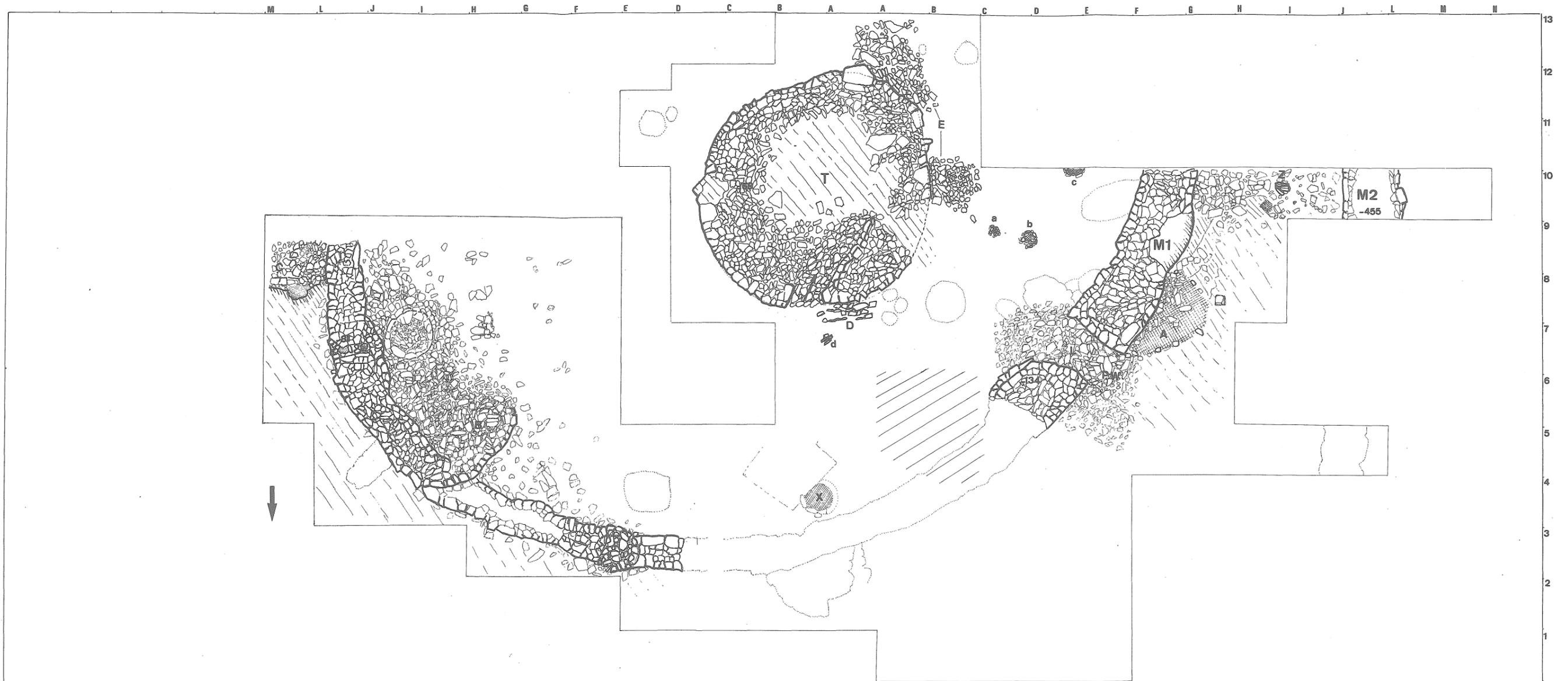
Planta simplificada da área intervencionada no topo do morro, ao nível da segunda ocupação calcolítica. Encontram-se esquematicamente representadas as duas muralhas (M1 e M2), a torre central (T) e outras estruturas de âmbito doméstico. De salientar a localização dos cortes estratigráficos 1 a 5. A ponteados está representado o aterro formado pela M2 e respectivos derrubes (área não escavada).



Planta simplificada da área intervencionada no topo do morro, com representação (quadriculado) das zonas correspondentes à camada 4, ou nível de ocupação mais antigo do povoado. A pontilhado — estruturas da segunda fase de ocupação calcólítica. L — lareiras existentes na camada 4.

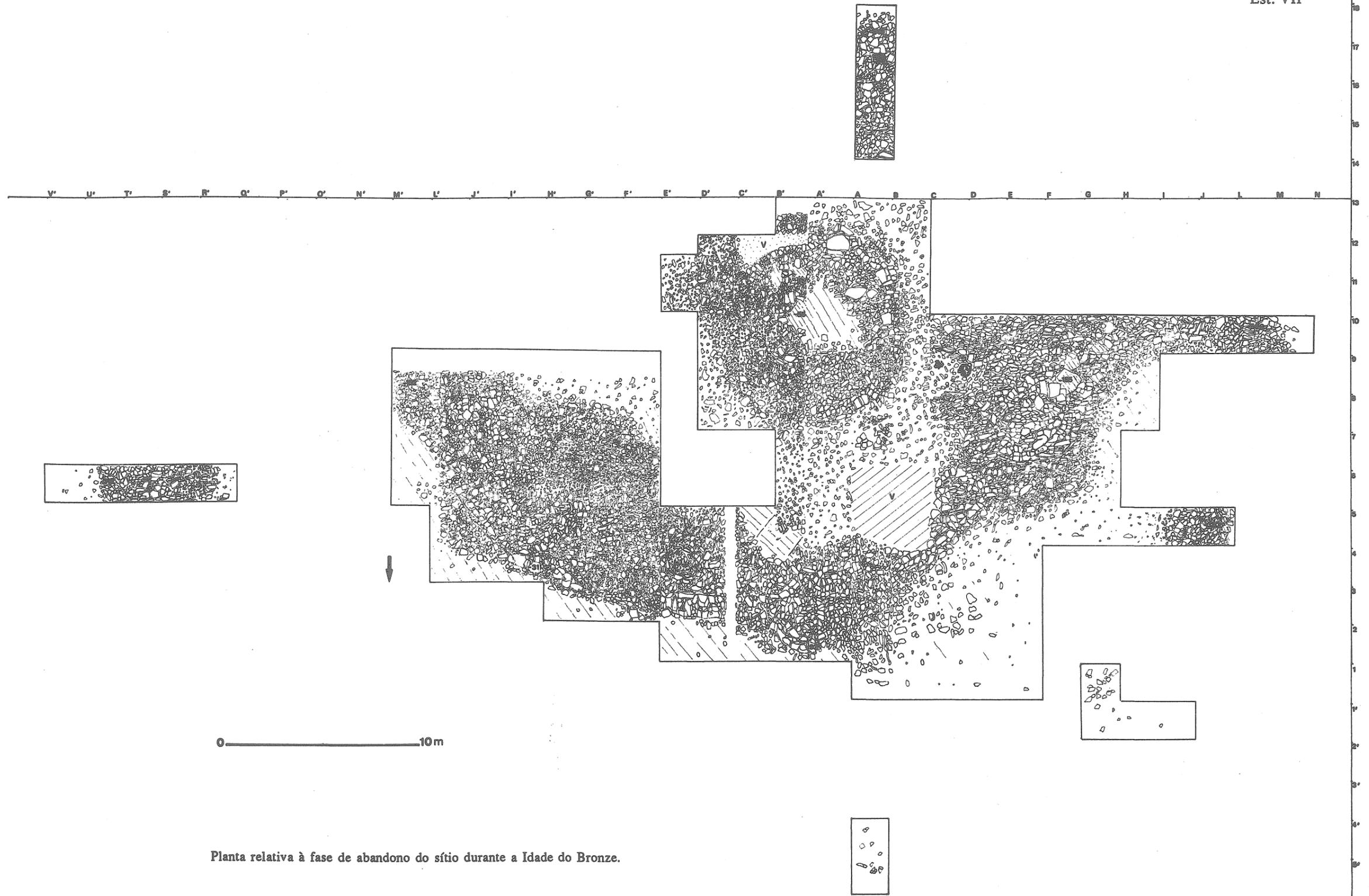


Planta relativa à segunda fase de ocupação calcolítica: M1 — muralha superior; M2 — muralha exterior; P. W — porta oeste; P. N. — porta norte; P. L. — porta leste; m — muro radial; B — bastião; T — torre central; E — estruturas sub-circulares; T1 e T2 — áreas relacionadas com a tecelagem; M — áreas relacionadas com a moagem; L — lareiras (1 a 7); F — pequena fossa (destrítica?); b — buracos de poste; V — zonas perturbadas por intervenções anteriores às escavações da autora. Cotas relativas ao ponto 0 da estação.

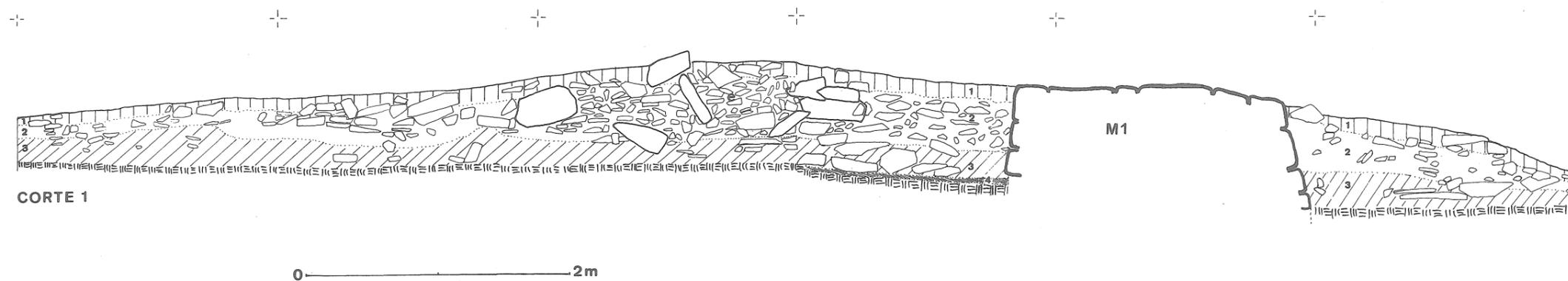


Planta relativa à primeira fase de ocupação da Idade do Bronze: P. W — porta oeste; L — lajeado; A — área de combustão adossada à M1; B — estrutura pétreo muito arruinada adossada à M1; C — estrutura pétreo adossada à M1; D — pedras fincadas adossadas à torre central; E — lajeados adossados à torre central; Z — pequena estrutura pétreo associada a restos de fauna carbonizados; a, b, c e d — buracos de poste; x — estrutura sub-circular reutilizada durante a Idade do Bronze. A ponteados encontram-se representadas as restantes estruturas calcólicas sobre as quais não foi possível detectar a primeira fase de ocupação da Idade do Bronze.

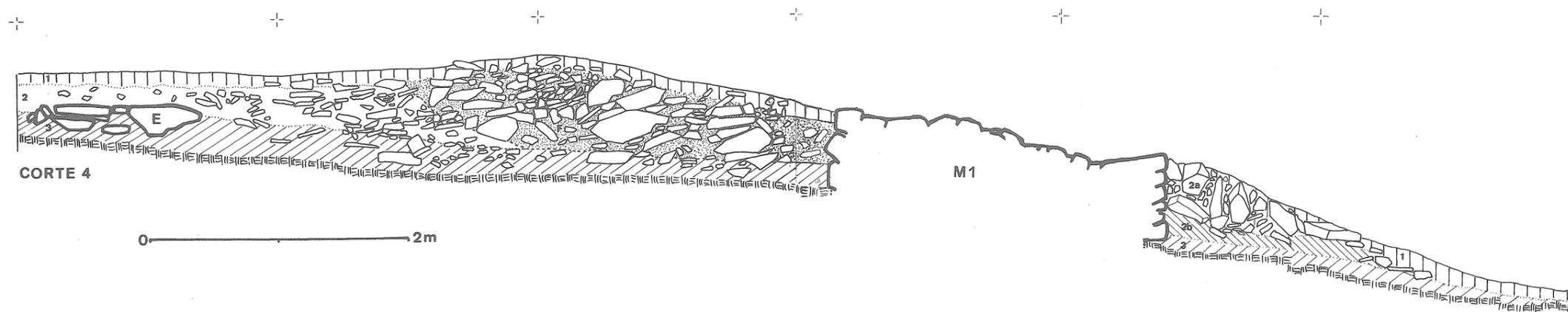
0 10m



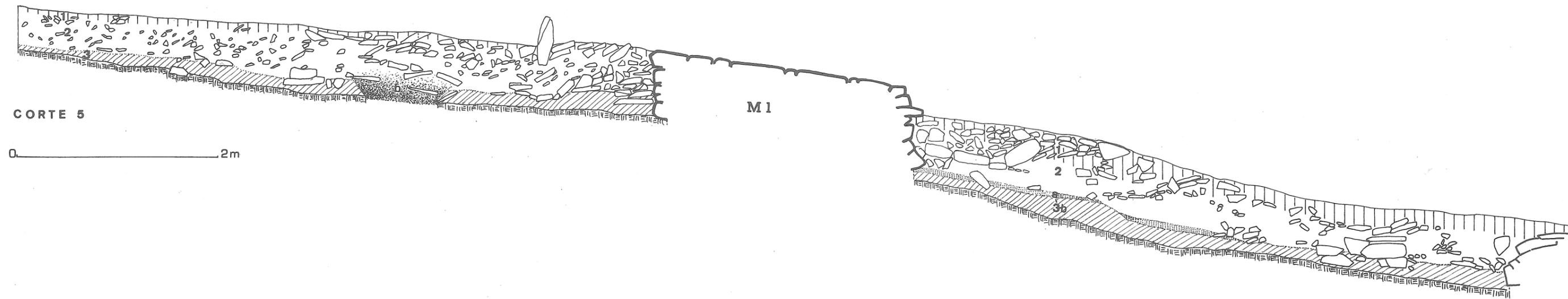
Planta relativa à fase de abandono do sítio durante a Idade do Bronze.



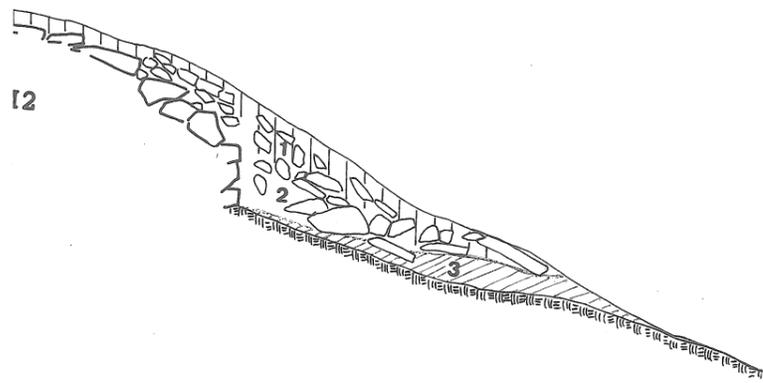
1 — Corte 1 (v. Est. III) — Estratigrafia: 1 — terras húmosas; 2 — terras acastanhadas; e — vestígios de uma estrutura pétreia inserida na camada 2; 3 — terras amareladas; 4 — terras acinzentadas.

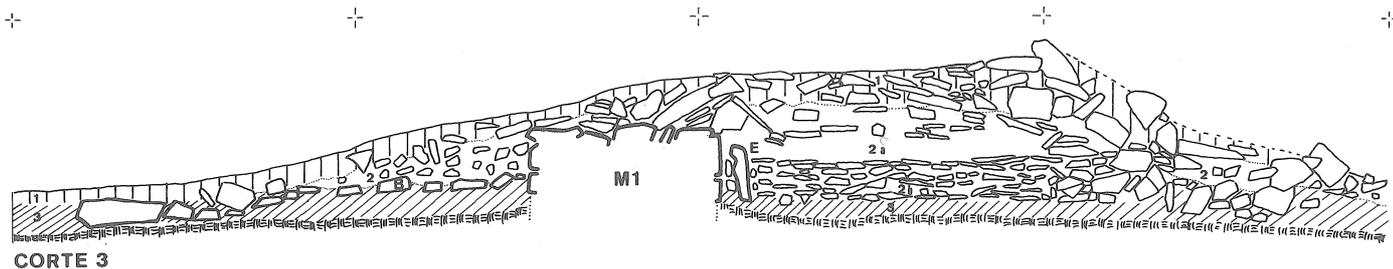


2 — Corte 4 (v. Est. III) — Estratigrafia: 1 — terras húmosas; 2 — terras acastanhadas; F — vestígios de estruturas inseridas na camada 2 junto à porta oeste; E — estrutura pétreia inserida na camada 3.

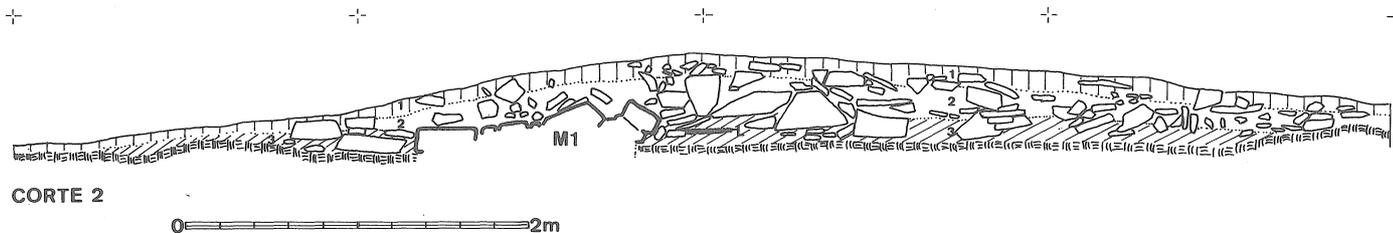


Corte 5 (v. Est. III) – Estratigrafia: 1 – terras húmosas; 2 – terras acastanhadas com pedras; 3a – piso de terra amarelo-esbranquiçada; 3b – terras amareladas.

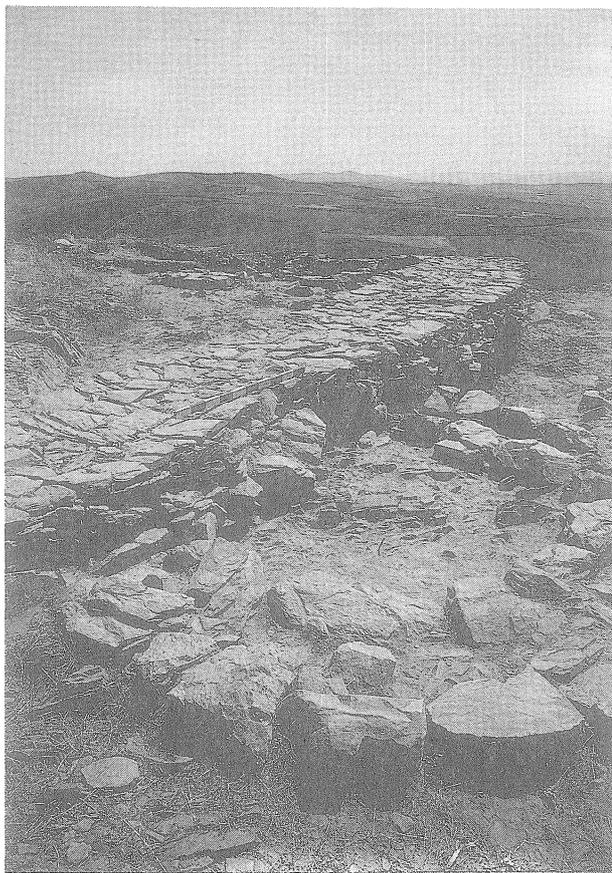




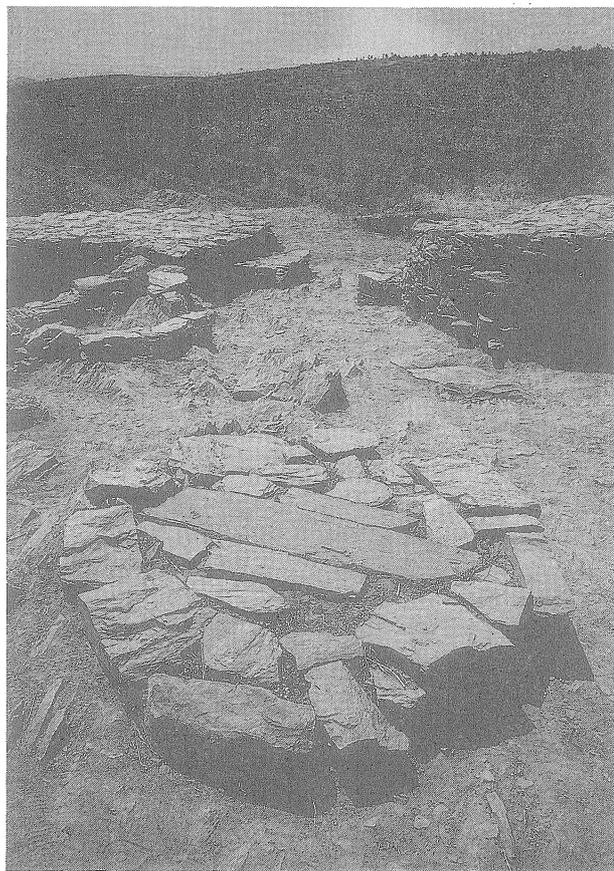
1 — Corte 3 (v. Est. III) – Estratigrafia: 1 – terras húmosas; 2 – terras acastanhadas; 3 – terras amareladas; E – estrutura pética: 2a – terra amarelada; 2b – lajes horizontais de xisto; B – pedras pertencentes a um bastião adossado à M1.



2 — Corte 2 (v. Est. III) – Estratigrafia: 1 – terras húmosas; 2 – terras acastanhadas; 3 – terras amareladas.



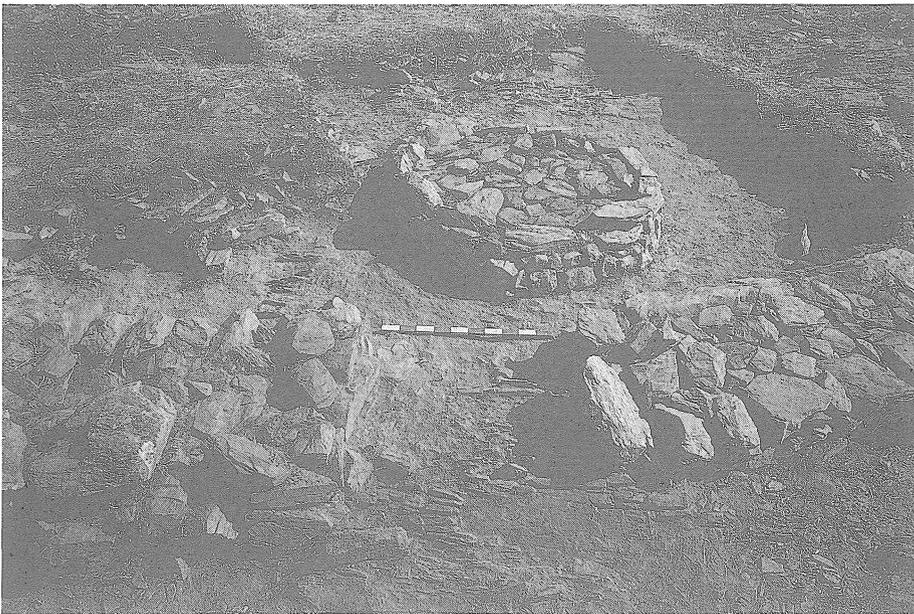
1 — Vista parcial do povoado de Castelo Velho. Em primeiro plano, bastião adossado à muralha interna (M1).



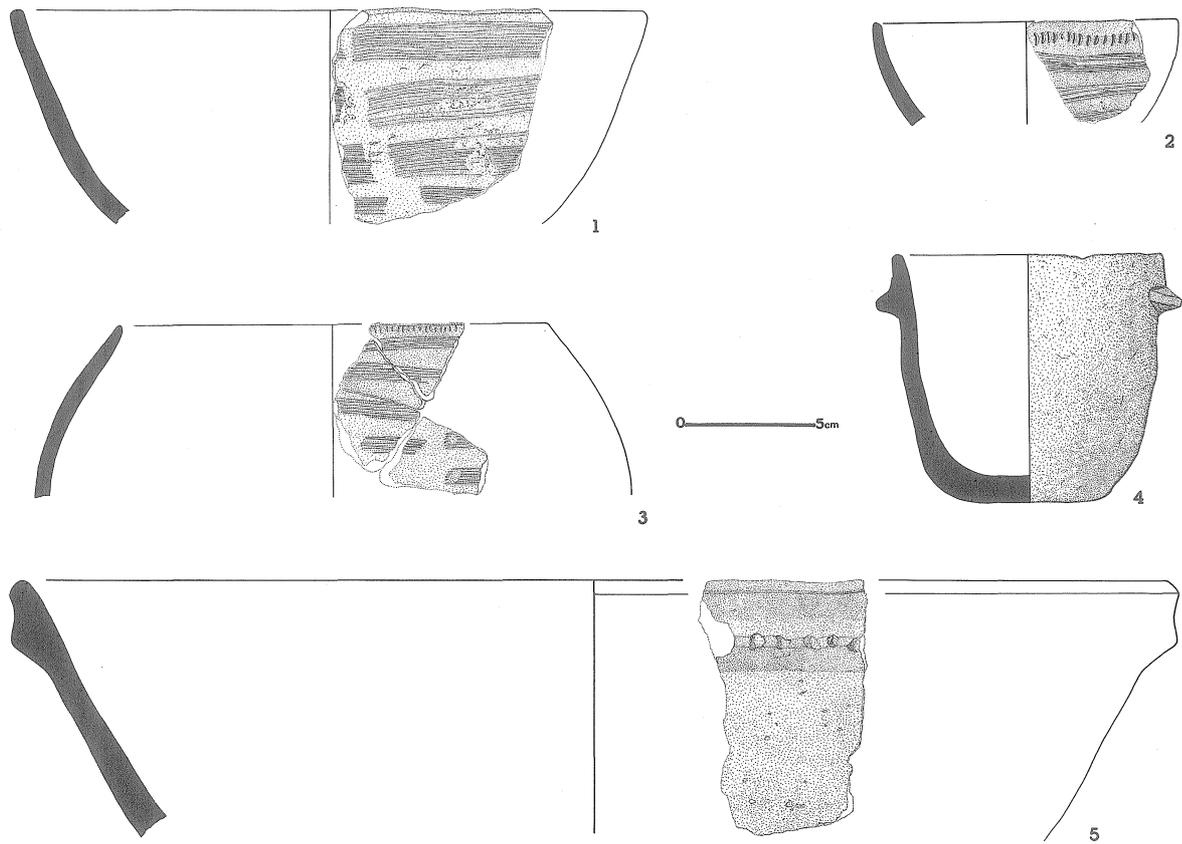
2 — Vista parcial tirada do interior do reduto fortificado na direcção da porta oeste. Em primeiro plano, estrutura pétrea existente nas imediações da torre central. Foto Augusto Lemos.



1 — Vista parcial da porta oeste do povoado. Foto Augusto Lemos.



2 — Vista parcial da porta norte. Em segundo plano, estrutura pétrea subcircular.
Foto Augusto Lemos.



Recipientes cerâmicos provenientes do povoado de Castelo Velho: Calcolítico (1 a 4); I. Bronze (5).
Desenhos de Maria Felismina Vilas Boas.